

A conservação do património arquitectónico em Portugal no final do século XX. Será legítimo invocar um “efeito WMF”?

J. Delgado Rodrigues

Geólogo, Investigador-Coordenador do LNEC (Ap.), delgado@lnecc.pt

RESUMO: A última década do sec. XX assistiu a modificações relevantes na prática das intervenções de conservação do património arquitectónico. A melhoria na formação profissional começou a sentir-se por essa altura, fruto de novas escolas de nível superior, e da chegada de profissionais formados no estrangeiro. Com a liderança da World Monuments Fund Portugal, foram realizadas algumas obras emblemáticas, como sejam as intervenções na Torre de Belém e no claustro do Mosteiro dos Jerónimos, que introduziram métodos de abordagem inovadores e que marcaram profundamente a forma de preparar, de planificar e de desenvolver intervenções de conservação no património.

SUMMARY – The last decade of the XX century witnessed significant changes in the practice of conservation of architectural heritage. The improvement in training began to have impact at that time, as the result of new high level colleges, and the arrival of professionals trained abroad. With the leadership of the World Monuments Fund Portugal some significant projects were carried out, such as the interventions in the Tower of Belém and Jerónimos Monastery cloister, that introduced innovative methods of approach and that profoundly marked the way to prepare, to plan and develop interventions in heritage conservation.

PALAVRAS-CHAVE: Torre de Belém; Jerónimos; conservação património arquitectónico; WMF

INTRODUÇÃO

Um observador atento aos pormenores que uma intervenção de conservação envolve não terá dificuldade em afirmar que a qualidade das intervenções no País sofreu um impulso decisivo na última década do século XX, apesar de terem continuado a coexistir, lado a lado, as práticas exemplares com as intervenções mais do que duvidosas.

A melhoria na formação dos agentes mais directamente ligados à operação (conservadores-restauradores, técnicos de conservação) e à preparação das intervenções foi seguramente um factor decisivo, mas outros factores tiveram que ser conjugados para que fosse possível ver aparecer intervenções com objectivos bem definidos, problemas bem identificados, acções bem justificadas, e obras bem geridas, bem acompanhadas e bem documentadas.

Quando um dia se escrever a história da conservação neste período, será incontornável apontar e analisar as intervenções realizadas pela World Monuments Fund Portugal, pelo carácter inovador e de grande rigor usado em todas as etapas das intervenções, factores que

definitivamente contribuíram para elevar o nível de referência do que se fazia e do que se poderia fazer no País.

Esta comunicação parte de uma visão pessoal de algumas das intervenções da WMFP e pretende ser um pequeno contributo para a análise da prática da conservação nestas duas décadas que terminam um e começam um outro século.

O IMEDIATAMENTE ANTES

Quando, por volta de 1991, o Instituto Português do Património Cultural (IPPC, que viria a tomar designações de IPPAR e IGESPAR) lançou um concurso para uma intervenção de conservação nos portais do Mosteiro dos Jerónimos, responderam 3 firmas da área da construção civil, sem o mínimo de qualificações para efectuar uma intervenção daquela responsabilidade num dos mais emblemáticos monumentos da arquitectura portuguesa. A comissão de apreciação das propostas, de que o signatário era membro, considerou que seria imprudente avançar com qualquer das empresas e propôs que o concurso fosse anulado.

Quer isto dizer que, no final do século, não existia no País oferta de empresas qualificadas neste domínio e que as intervenções no património arquitectónico eram efectuadas com recurso a firmas subqualificadas, quando muito tendo operadores com alguma sensibilidade para a especificidade da obra e com experiência prática em alguns aspectos parcelares das intervenções. Existiam bons artífices, mas não existiam conservadores-restauradores, e as metodologias de intervenção, ainda que pudessem estar razoavelmente definidas, não encontravam os intérpretes adequados para as implementar.

A nível do conhecimento dos problemas, das soluções e das metodologias de acção, a modernização já tinha começado alguns anos antes, nomeadamente através de esforços de indivíduos e de pequenos grupos, através do estabelecimento de contactos internacionais e da realização de investigação especificamente dirigida a temas de conservação e restauro.

No início da década de 1980 o então Instituto José de Figueiredo promoveu a realização de um curso de formação de conservadores-restauradores que, ao longo de três anos, adquiriram formação de padrão universitário, com forte componente prática que a associação àquele laboratório de restauro propiciava. Esses técnicos, ao que julgo saber, ficariam sobretudo (se não exclusivamente) dedicados à temática do património móvel e integrado.

Em 1989, a Escola Superior de Conservação e Restauro iniciou os cursos regulares de conservadores-restauradores, vindo esta escola a passar o seu património didático para a Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Lisboa. Por essa mesma altura começou o Instituto Politécnico de Tomar com os seus cursos nesta mesma área profissional. Os primeiros técnicos formados por estas escolas terão começado a sair para o mercado de trabalho na primeira metade da década de 90, mas a prática das intervenções demoraria ainda algum tempo a reflectir esta mudança qualitativa na oferta de operadores especializados em conservação e restauro.

A situação da década de 80 pode ser ilustrada com dois episódios circunstanciais, mas elucidativos. No seguimento de contactos que mantivemos com colegas de outros países, um deles deu o meu contacto a um recém-doutorado na Suécia, de nacionalidade portuguesa, que me visitou para se informar sobre locais de trabalho onde pudesse dar seguimento à especialização que acabava de obter. Nessa conversa, dei-lhe conta das minhas impressões e das dificuldades que iria encontrar, mas de forma peremptória disse-lhe que com aquela

formação era “forçoso” que encontrasse trabalho, pois a negativa seria uma terrível demonstração da impreparação do País e da falta de sensibilidade para a urgência de melhorar a qualidade das intervenções que se iam fazendo. Com os contactos que lhe aponteí, lá partiu à busca de uma oportunidade para vir trabalhar para o seu País. Posteriormente vim a saber que todos os contactos tinham sido infrutíferos, confirmando os meus piores receios, e lá ficou por outras paragens empregando os seus conhecimentos que nos poderiam ter ajudado a antecipar o arranque que tardava a aparecer.

Uns anos mais tarde, pessoa amiga convidou-me para ir visitar as obras de conservação e restauro que a Câmara Municipal de Lisboa estava a realizar no Chafariz do Rato. Com agradável surpresa, verifiquei que estava ali uma equipa de conservadores-restauradores, de formação superior (no caso obtida em Itália), que realizava uma intervenção de um rigor e meticulosidade que nunca tinha visto em Portugal. Foi verdadeiramente uma surpresa para mim, pois estava ali um primeiro exemplo vivo de como se poderia intervir em património de valor cultural. Logo transmiti à pessoa que me havia convidado a visitar o sítio que esta equipa “teria” que ser mantida a trabalhar, pois o País não se poderia dar ao luxo de perder este instrumento de acção. Com um percurso de pequenas intervenções, a equipa manteve-se por cá, até lhe ter sido adjudicada a intervenção no conjunto escultórico do Marquês de Pombal, em Lisboa, que definitivamente provou que era possível manter uma equipa de profissionais qualificados a operar em Portugal.

Mas como o País Profundo estava ainda inexoravelmente ancorado a um passado que tardava a actualizar-se, foi possível por essa altura intervir nos portais da igreja dos Jerónimos de forma desastrada, com o dono de obra a atribuir a uma das três firmas rejeitadas no concurso, conforme descrito no início deste capítulo, uma intervenção de responsabilidade maior, a uma equipa sem qualificação, nem idoneidade para executar tal empreitada.

A modernização final teria ainda de esperar mais algum tempo!

A SEGUNDA METADE DA DÉCADA DE 1990

A WMFP e a intervenção na Torre de Belém

Por meados da década, a Associação World Monuments Fund Portugal (WMFP) solicitava ao Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC) a elaboração de alguns estudos preparatórios para uma intervenção de conservação a realizar na Torre de Belém¹, ao mesmo tempo que solicitava a minha disponibilidade para integrar uma comissão científica de acompanhamento da intervenção, desde a fase de preparação até à conclusão da obra. Nem uma nem outra eram novidades para a instituição, nem para o signatário, pelo que naturalmente ambas foram aceites, e dado o seguimento respectivo.

O que era novidade, sim, era o facto de as questões levantadas serem de evidente interesse prático visando a acção, bem como a particularidade de a comissão científica integrar figuras internacionais de reconhecido gabarito técnico e científico².

A preparação da intervenção incluiu a caracterização dos problemas e a identificação das suas causas, a selecção das acções e a demonstração da justeza da sua escolha, uma boa preparação dos documentos-suporte da intervenção, uma estimativa credível de custos e a programação do calendário das acções. Nenhum destes itens seria novidade em si mesmo, mas era-a a forma de abordar a globalidade do problema de forma sistemática e a noção de que todo o processo conta e não apenas o resultado final.

Sendo uma empresa de direito privado, a WMFP pôde decidir escolher o empreiteiro de forma directa, tendo adjudicado a obra à empresa que antes havia executado as obras no Chafariz do Rato e no Marquês de Pombal, que a comissão científica avalizou como sendo intervenções de elevada qualidade.

Grande novidade era também a relação institucional entre a direcção da Associação e a comissão científica que havia criado. Fora os aspectos estritamente administrativos e de gestão, toda e qualquer decisão de cariz técnico era precedida de parecer da comissão, nunca tendo havido qualquer excepção de ultrapassagem de competências nesta matéria.

A obra foi realizada sob responsabilidade directa de uma equipa de gestão profissional, tendo a comissão científica actuado sempre como suporte à gestão e como apoio científico ao empreiteiro.

A metodologia seguida e os resultados obtidos foram transmitidos à comunidade técnica e científica nacional em workshop organizado para o efeito, onde se pôde comprovar a elevada qualidade do trabalho realizado (Fig. 1). Saliente-se a particularidade única (face aos habituais descabros das nossas empreitadas) de o custo ter sofrido menos de 2% de variação em relação ao valor adjudicado.

Os métodos, os resultados dos estudos, a metodologia de acção e a descrição das operações foram compilados em publicação própria, que ainda hoje tem compradores nas lojas que vendem publicações relativas aos monumentos nacionais³.



Figura 1 – A intervenção na Torre de Belém marca o início da acção da WMFP em grandes projectos nacionais.

A intervenção no claustro do Mosteiro dos Jerónimos

No final da década de 90, a WMFP tinha em mãos a devida autorização e os recursos para iniciar aquela que seria a sua grande obra no património arquitectónico até essa data, a intervenção de conservação do claustro do Mosteiro dos Jerónimos. A experiência pioneira

da Torre de Belém havia provado que era possível realizar intervenções de elevada qualidade, pelo que o empreendimento do claustro surgia como natural continuidade e com perspectivas de bons resultados, aceitáveis quer para as autoridades nacionais quer para a WMF internacional.

A complexidade da obra era aqui de grau superior, o que implicou duas fases de acção. Numa primeira foram realizados os estudos preparatórios, feito um levantamento arquitectónico rigoroso de todo o espaço envolvido, e foram registados sobre este levantamento as anomalias identificadas em inspecção de proximidade e sistemática a todas as superfícies. Foram também realizados estudos de índole histórica, que foram tidos em conta na análise dos problemas e incluídos na documentação deixada como legado da intervenção.

A atitude da WMFP perante questões menos esclarecidas foi sempre a de dar o apoio necessário a um melhor esclarecimento dos problemas, que aqui pode ser ilustrado pelos estudos efectuados sobre o tratamento da biocolonização.

Era notório que um dos grandes problemas a resolver seria a abordagem à biocolonização, dada a grande prevalência desta anomalia em todas as áreas expostas, e a evidente agressão que estes agentes de degradação provocavam nas superfícies. O LNEC efectuou ensaios de campo casuísticos, para encontrar um biocida adequado, mas foi a abertura dada pela WMFP para ser efectuado um protocolo de colaboração com a Dr^a Carmen Ascaso⁴ que viria a permitir obter dados inequívocos e originais sobre a degradação produzida e sobre a selecção do biocida (Fig.2).

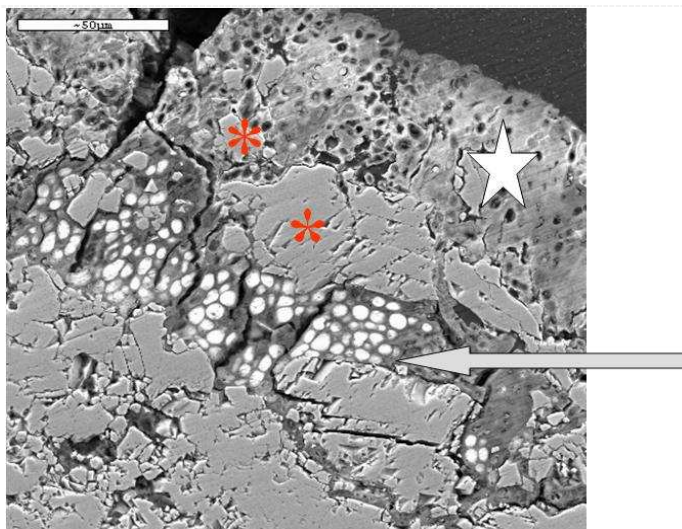


Figura 2 – A colaboração internacional permitiu comprovar os efeitos da biocolonização sobre a pedra. Aqui, em amostra vista ao MEV, observam-se líquenes no exterior (*estrela branca*) com a componente alga (*seta cinzenta*) bem no interior e fragmentos de pedra (*asteriscos vermelhos*) desmembrados e deslocados por efeito da colonização.

Com base em pequenas amostras colhidas nas paredes adjacentes ao terraço superior, em áreas tratadas e não tratadas, foi possível demonstrar que os agentes da biocolonização penetravam fortemente para o interior da pedra, onde deixavam desgaste notório, e permitiu

verificar por técnicas de preparação de amostras por congelação e de visualização em MEV a baixa temperatura que um dos biocidas era o mais eficaz entre os estudados. Os resultados foram publicados em revistas especializadas⁵.

Esta fase terminou com a elaboração de um caderno de encargos pormenorizado e de condições técnicas específicas que foram o suporte para o concurso subsequente.

A obra foi de uma grande complexidade logística, pois existia o condicionamento de obrigar o empreiteiro a ter sempre três dos alçados desobstruídos, pelo que o estaleiro foi montado e desmontado sucessivamente sempre que se mudava de alçado. Com esses constrangimentos e apesar de percalços que sempre acontecem, a empreitada foi concluída no prazo previsto e (raridade absoluta!) com superavit de cerca de 2%.

A eliminação da colonização biológica (umas das mais extensas tarefas a resolver) resultou razoavelmente bem, mas a abordagem suave que foi exigida e escrupulosamente seguida deixava manchas de cores cinzentas mais ou menos escuras que tinham visível impacto na imagem das superfícies após tratamento. Com o apoio exterior no âmbito desta intervenção, foi possível encontrar um método inovador para eliminar essas manchas escuras, tendo posteriormente sido dada divulgação apropriada⁶ (fig. 3).

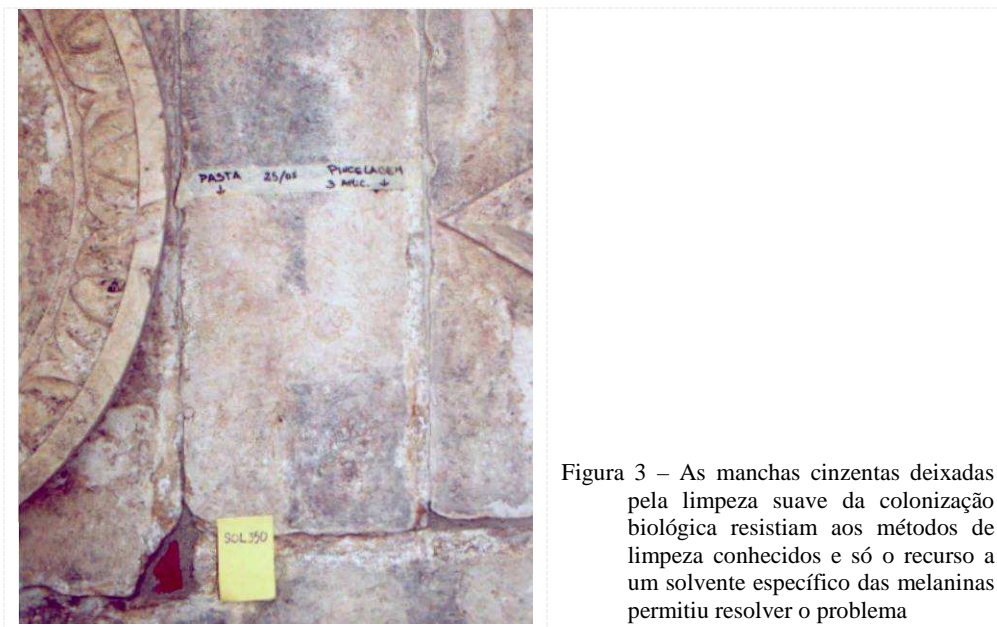


Figura 3 – As manchas cinzentas deixadas pela limpeza suave da colonização biológica resistiam aos métodos de limpeza conhecidos e só o recurso a um solvente específico das melaninas permitiu resolver o problema

Refira-se ainda, pela novidade e relevância, que os arcos decorados das galerias do piso térreo foram limpos com radiação Laser, no que constituiu certamente um recorde mundial com os seus quase 800m² de superfícies limpas com este método (fig. 4).

Como para a Torre de Belém, também aqui foi compilada toda a informação relativa à intervenção e aos estudos efectuados e feita publicação com os principais resultados alcançados⁷.

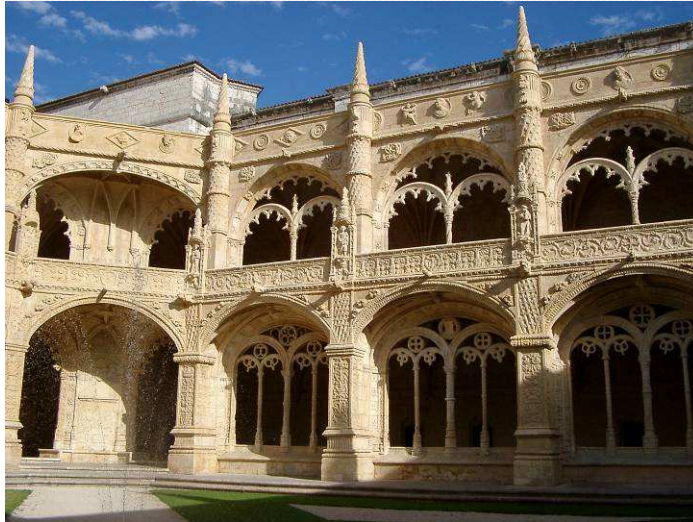


Figura 4 – A intervenção no claustro do Mosteiro dos Jerónimos constitui um marco nas intervenções no património arquitectónico do país, pelo processo seguido na preparação e no controlo da intervenção, pela componente científica que mobilizou, pela meticulosidade das acções realizadas, que conduziram a resultados de qualidade excepcional.

OS TEMPOS ACTUAIS E APRECIÇÃO FINAL

É convicção do signatário que estas intervenções contribuíram de forma decisiva para mudar o panorama das intervenções de conservação sobre o património construído em Portugal. Aceito complementarmente que o aparecimento de novos profissionais formados pelas escolas nacionais foi um contributo importante, mas não tenho qualquer dúvida de que a melhoria não teria sido tão rápida, nem tão profunda sem as intervenções lideradas pela WMFP.

Quando por volta de 1998 se lançou o concurso para a empreitada do claustro, os concorrentes, na sua maioria, elaboraram propostas de forma incipiente e descuidada, mostrando que não estavam habituados a grandes exigências neste domínio. Quando poucos anos mais tarde colaborámos com o então IPPAR, nas intervenções de conservação nas Sés de Évora e do Porto, as propostas dos concorrentes eram substancialmente mais ricas, com evidentes raízes no que se havia estabelecido no caso do claustro, mostrando que haviam sabido aprender com a prática, seguramente com a própria, mas também com a alheia, o que é de aplaudir.

Como consequência da “antiguidade” que leva neste campo, e por fortuna do destino, o signatário esteve “presente” nestes marcos da história recente da conservação em Portugal, pelo que me é muito grato fazer público registo de aspectos que reputo relevantes e que espero interessantes para o leitor.

É neste contexto privilegiado de assistente directo, e no relativismo de uma interpretação pessoal e directamente interessada, que afirmo, agora sem interrogação, que não tenho qualquer dúvida de que houve (há) um claro “efeito WMF”, de grande relevância positiva, na qualidade das intervenções que hoje são realizadas em Portugal.

REFERÊNCIAS E OUTRAS NOTAS

- ¹ Intervenção exclusivamente dirigida à envolvente exterior do monumento. A intervenção no interior, que poderia envolver arranjos de espaços, ficaria a cargo da tutela.
- ² A comissão científica integrava a Dr^a A. Elena Charola (como coordenadora), o Prof. L. Aires Barros do IST, o Prof. Fernando Henriques, da UNL, e o signatário. O Prof. John Stubbs foi o director do projecto.
- ³ AA.VV. – “*Torre de Belém. Intervenção de conservação exterior*”. Edição do Instituto Português do Património Arquitectónico, Junho 2000. ISBN 972-8087-70-5.
- ⁴ A WMFP cobriu as despesas de deslocação e estadia, sendo de relevar o contributo da Dr^a Carmen Ascaso que tomou a cargo do seu instituto todas as despesas dos estudos, pelo potencial científico que as questões levantadas apresentavam.
- ⁵ ASCASO, C., WIERZCHOS, J., SOUZA-EGIPSY, V., DE LOS RIOS, A. and DELGADO RODRIGUES, J. - “*In situ evaluation of the biodeteriorating action of microorganisms and the effects of biocides on carbonate rock of the Jeronimos Monastery (Lisbon)*”. Int. Jour. Biodeterioration and Biodegradation, 2002, vol. 49, pp. 1-12.
- ⁶ DELGADO RODRIGUES, J. and VALERO, J. – “*A brief note on the elimination of dark stains of biological origin*”. Studies in Conservation, Vol. 48, No.1, 2003, pp. 17-22.
- ⁷ AA.VV. – “*Mosteiro dos Jerónimos. A intervenção de conservação do claustro*”. Edição do Instituto Português do Património Arquitectónico, Julho 2006. ISBN 989-8052-00-7